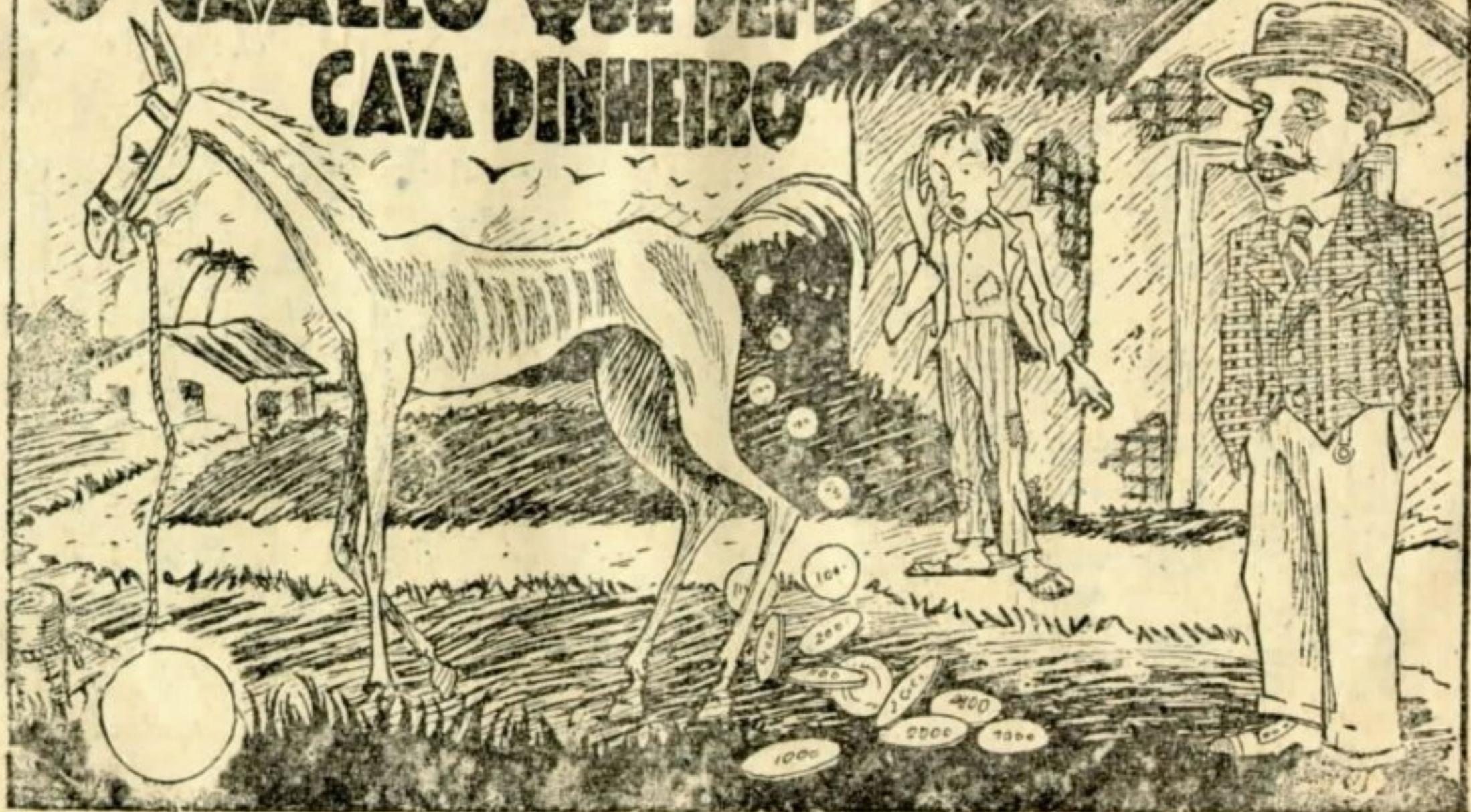


João Martins de Alhoysio
**O CAVALLO QUE DEFE-
CAVA DINHEIRO**



João Martins de Athayde

Proprietarias: Filhas de José Bernardo da Silva

Historia do Cavalo que Defecava Dinheiro

Na cidade de Macaé
antigamente existia,
um duque velho invejoso
que nada o satisfazia
desejava possuir
todo objeto que via.

Esse duque era compadre
de um pobre muito atrasado
que morava em sua terra
num rancho todo estragado
sustentava seus filhinhos,
na vida do alugado.

Se vendo o compadre pobre
naquela vida privada
foi trabalhar nos engenhos
longe de sua morada
na volta trouxe um cavalo
que não servia pra nada

Disse o pobre a mulher:
como havemos de passar?
o cavalo é magro e velho
não pode mais trabalhar
vamos inventar um quengo
pra ver se o querem comprar

(2)

Foi na venda de lá trouxe
três moedas de cruzado,
sem dizer nada a ninguém
para não ser censurado
no fiofó do cavalo,
foi o dinheiro guardado.

Do fiofó do cavalo
ele fez um mealheiro
saiu dizendo: sou rico
inda mais que um fazendeiro
porque possui um cavalo
que só defeca dinheiro.

Quando o duque velho soube
que ele tinha esse cavalo
disse pra velha duquesa:
amanhã vou visitá-lo
se o animal for assim
faço jeito de comprá-lo

Saiu o duque vexado
fazendo que não sabia,
saiu percorrendo as terras
como quem não conhecia
foi visitar a choupana,
onde o pobre residia.

Chegou salvando o compadre
muito desinteressado:
compadre, como lhe vai?
onde tanto tinha andado?
há dias que não lhe vejo
parece está melhorado

(3)

—É muito, certo compadre
ainda não melhorei
porque andava por fora
fazem três dias que cheguei
mas breve farei fortuna
com um cavalo que comprei

--Se for assim, meu compadre
você está muito bem,
é bom guardar o segredo
não conte isto a ninguém
me conte qual a vantagem,
que este seu cavalo tem

Disse o pobre: ele está magro
só tem o osso e o couro,
porem tratando-se dele
meu cavalo é um tesouro
basta dizer que defeca,
níquel, prata, cobre e ouro

Aí chamou o compadre
e saiu muito vexado,
para o lugar onde tinha
o cavalo defecado
o duque ainda encontrou,
três moedas de cruzado,

Então exclamou o velho:
só pude achar essas três
disse o pobre: ontem á tarde,
ele botou dezesseis,
ele já tem defecado,
dez mil réis, mais de uma vez

(4)

Enquanto ele está magro
me serve de mealheiro
eu tenho tratado dele
com fragaço de terreiro,
porem depois dele gordo
não há quem vença o dinheiro

Disse o velho: meu compadre
você não pode tratá-lo,
se for trabalhar com ele
é com certeza matá-lo
o melhor que você faz
é vender-me este cavalo

—Meu compadre, este cavalo
eu posso negociar,
só se for por uma soma
que dê para eu passar
com todo minha familia,
e não precise trabalhar

O velho disse ao compadre:
assim não é que se faz
nossa amizade é antiga
desde os tempos de seus pais
dou-lhe seis contos de réis
acha pouco, inda quer mais?

—Compadre, o cavalo é seu
eu nada mais lhe direi,
ele, por este dinheiro
que agora me sujeitei
para mim não foi vendido,
faça de conta que dei

(5)

O velho pela ambição
que era descomunal,
deu lhe seis contos de réis
todo em moeda legal
depois pegou no cabresto
e foi puxando o animal

Quando ele chegou em casa
foi gritando no terreiro:
eu sou o homem mais rico
que habita no mundo inteiro
pórque possuo um cavalo
que só defeca dinheiro

Pegou o dito cavalo
botou na estribaria,
milho, farelo e alface
era o que ele comia
o velho duque ia lá,
dez, doze vezes por dia

Logo no primeiro dia
o velho desconfiou
porque na presença dele
o cavalo defecou
ele procurou dinheiro
nem um tostão encontrou

Aí o velho zangou-se
começou logo a falar:
e como é que meu compadre
se atreve a me enganar!
eu quero ver amanhã
o que ele vai me contar

Porem o compadre pobre
 bicho de quengó lixado,
 fez depressa um outro plano
 inda mais bem arranjado
 esperando o velho duque
 quando viesse zangado

O pobre foi na farmácia
 comprou uma borrachinha,
 depois mandou encher ela
 com sangue de uma galinha
 e sempre olhando a estrada
 para ver se o velho vinha.

Disse o pobre a mulher:
 faça o trabalho direito
 pegue esta borrachinha
 amarre em cima do peito
 para o velho não saber,
 como o trabalho foi feito

Quando o velho aparecer
 na volta daquela estrada,
 você começa a falar
 eu grito: oh mulher danada!
 quando ele estiver bem perto,
 eu lhe dou uma facada

Porem eu dou-lhe a facada
 em cima da borrachinha
 e você fica lavada
 com o sangue da galinha
 eu grito: arre danada!
 nunca mais comes farinha!

Quando ele vê você morta
 parte para me prender,
 então eu digo pra ele:
 eu dou jeito ela viver
 o remedio tenho aqui,
 faço para o senhor ver.

Eu vou buscar a rabeca
 começo logo a tocar.
 você então se remexa
 como quem quer melhorar
 com pouco diz: estou boa
 já posso me levantar,

Quando findou-se a conversa
 na mesma ocasião.
 o velho ia chegando
 aí travou-se a questão
 o pobre passou-lhe a faca,
 botou a mulher no chão.

O velho gritou a ele
 quando viu a mulher morta:
 esteja preso, bandido!
 e tomou conta da porta
 disse o pobre; vou curá-la.
 p'ra que o senhor se importa?

—O senhor é um bandido
 infame de cara dura
 todo mundo apreciava
 esta infeliz criatura
 depois dela assassinada,
 o senhor diz que tem cura?

—Compadre, não admito
o senhor dizer mais nada,
não é crime se matar
sendo a mulher malcriada
e mesmo com dez minutos,
eu dou a mulher curada

Correu foi ver a rabeça
começou logo a tocar
de repente o velho viu
a mulher se endireitar
e depois disse: estou boa,
já posso me levantar

O velho ficou suspenso
de ver a mulher curada,
porem como estava vendo
ela muito ensanguentada
correu ela mais não viu,
nem o sinal da facada.

O pobre entusiasmado
lhe disse: já conheceu
quando esta rabeça estava
na mão de quem me vendeu
tinha feito muitas curas
de gente que já morreu

No lugar onde eu estiver
não deixe ninguém morrer,
como eu adquirir ela
muita gente quer saber
mas ela me está tão cara
que não me convem dizer

O velho que tinha vindo
somente propor questão,
porque o cavalo velho
nunca botou um tostão
mas quando viu a rabeça.
quase morre de ambição.

Compadre, você desculpe
de eu ter lhe tratado assim
porque agora estou certo
eu mesmo fui o ruim
porem a sua rabeça
só serve bem para mim.

Mas como eu sou um homem
de muito grande poder
o senhor é um homem pobre
ninguem quer o conhecere
perca o amor da rabeça
responda se quer vender?

Porque a minha mulher
tambem é muito estouvada
se eu comprar esta rabeça
dela não suporto nada
se quiser teimar comigo,
eu dou-lhe uma facada.

Ela se vê quase morta
já reconhece o castigo,
mas eu com esta rabeça
salvo ela do perigo
ela daí por diante,
não quer mais teimar comigo

Disse-lhe o compadre pobre:
o senhor faz muito bem,
quer me comprar a rabeca
não venderei a ninguém
custa seis contos de réis,
por menos, nem um vintem.

O velho muito contente
tornou então repetir:
a rabeca já é minha
eu preciso a possuir
ela para mim foi dada,
você não soube pedir.

Pagou a rabeca e disse:
vou já mostrar a mulher
a velha zangou-se e disse:
vá mostrar a quem quiser
eu não quero ser culpado,
do prejuízo que houver.

O senhor mesmo é um velho
avarento e interesseiro,
que já fez do seu cavalo
que defecava dinheiro?
meu velho, dê-se a respeito,
não seja tão embusteiro.

O velho que confiava
na rabeca que comprou,
disse: a ela cale a boca
o mundo agora virou
dou-lhe quatro punhaladas,
já você sabe eu quem sou.

Ele findou as palavras
a velha ficou teimando,
disse ele: velha dos diabos
você inda está falando?
deu-lhe duas punhaladas
ela caiu arquejando

O velho muito ligeiro
foi buscar a rabequinha,
ele tocava e dizia:
acorde, minha velhinha;
porem a pobre da velha,
nunca mais comeu farinha

O duque estava pensando
que a mulher ainda tornava
ela acabou de morrer
porem ele duvidava
depois então conheceu
que a rabeca não prestava

Quando ele ficou certo
que a velha tinha morrido
botou os joelhos no chão
e deu tão grande gemido
que o povo daquela casa
ficou todo comovido

Ele dizia chorando:
esse crime hei de vingá-lo
seis contos desta rabeca
com outros seis do cavalo
eu lá não mando ninguém,
porque pretendo matá-lo

Mandou chamar dois capangas
e seguiu no mesmo dia;
prendeu o compadre pobre
trancou-o numa enxovia
para exercer a vingança
da forma que pretendia

Disse eles aos capangas:
me façam um surrão bem feito
façam isto com cuidado
quero ele um pouco estreito
com uma argola bem forte,
p'ra levar este sujeito

Quando acabar de fazer
mande este bandido entrar,
para dentro do surrão
e acabem de costurar
o levem para o rochedo,
para sacudi-lo no mar

Os homens eram dispostos
findaram no mesmo dia,
e pobre entrou no surrão
pois era o jeito que havia
botaram o surrão nas costas
e saíram numa folia

Adiante disse um capanga:
está muito alto o rojão,
eu estou muito cansado
botamos isto no chão
vamos tomar uma pinga,
deixe ficar o surrão.

-Está muito bem, companheiro
vamos tomar a bicada,
assim falou o capanga
dizendo p'ro camarada
seguiram ambos p'ra venda
ficando alem da estrada

Quando os capangas seguiram
ele cá ficou dizendo:
não caso porque não quero
me acho aqui padecendo
a moça é milionaria
o resto eu bem compreendo

Foi passando um boiadeiro
quando ele dizia assim,
o boiadeiro pediu-lhe:
arranje isto pra mim
não me importa que a moça
seja boa ou ruim

O boiadeiro disse:
--eu dou-lhe de mão beijada,
todos os meus possuidos
vão aqui nessa boiada
fica o senhor como o dono
pode seguir a jornada

Ele condenado a morte
não fez questão, aceitou,
descoseu o tal surrão
o boiadeiro entrou;
o pobre morto de medo
num minuto costurou

O pobre quando se viu
livre daquela enrascada,
montou-se num bom cavalo
e tomou conta da boiada,
saiu por ali dizendo:
a mim não falta mais nada,

Os capangas nada viram
porque fizeram ligeiro:
pegaram o dito surrão
com o pobre do boiadeiro
voaram de serra abaixo
não ficou um osso inteiro

Faziam dois ou três meses
que o pobre negociava
a boiada que lhe deram
cada vez mais aumentava
foi ele um dia passar,
onde o compadre morava

Quando o compadre viu ele
de susto empalideceu;
-Compadre, por onde andava
que agora me apareceu?!
segundo o que me parece,
está mais rico do que eu

—Aqueles seus dois capangas
voaram-me num lugar
eu caí de serra a abaixo
até na beira do mar
aí vi tanto dinheiro,
quando pudesse apanhar

Quando me faltar dinheiro
eu prontamente vou ver
o que trouxe não é pouco
vai dando pra eu viver
junto com minha família,
passar bem até morrer

—Compadre, a sua riqueza
diga que foi eu quem dei
pra você recompensar-me
tudo quanto lhe arranjei
é preciso que me bote
no lugar que lhe botei

Disse-lhe o pobre: pois não
estou pronto pra lhe mostrar
eu junto com os capangas
nós mesmo vamos levar
e o surrão da serra abaixo
sou eu quem quero empurrar

O velho no mesmo dia
mandou fazer um surrão.
depressa meteu-se nele
cego pela ambição
e disse: compadre eu estou
à tua disposição

O pobre foi procurar
dois cabras de confiança
se fingindo satisfeito
fazendo a coisa bem mansa
só assim ele podia,
tomar a sua vingança

Sairam com esse velho
na carreira sem parar
subiram de serra acima
até no ultimo lugar
daí voaram o surrão
deixaram o velho embolar

O velho ia pensando
de encontrar muito dinheiro
porem sucedeu com ele,
do jeito do boiadeiro
que quando chegou em baixo
não tinha um só osso inteiro

Este livrinho nos mostra
que a ambição nada convem
todo homem ambicioso
nunca pode viver bem
arriscando o que possui
em cima do que já tem

Cada um faça por si
eu tambem farei por mim
é este um dos motivos
que o mundo está ruim
porque estamos cercados,
dos homens que pensam assim

F I M — Juazeiro, 10/3/1.976

1838

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26
Belem — Pará